



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes – IdA
Departamento de Artes Cênicas – CEN

Octávio Augusto Vilaronga Silva

**Ensino/Aprendizagem em Teatro: Emancipação dos sujeitos pelo
pertencimento cultural**

Brasília – DF

2019

OCTÁVIO AUGUSTO VILARONGA SILVA

**Ensino/Aprendizagem em Teatro: Emancipação dos sujeitos pelo
pertencimento cultural**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Banca Examinadora do Departamento de Artes
Cênicas da Universidade de Brasília, como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Artes Cênicas, sob orientação do
Professor Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro.

Brasília – DF

2019

Octávio Augusto Vilaronga Silva

**Ensino/Aprendizagem em Teatro: Emancipação dos sujeitos pelo
pertencimento cultural**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Curso de Licenciatura em Artes Cênicas

Data de aprovação: ____ de _____ de 2019.

Orientador: Prof. Dr. José Mauro Barbosa Ribeiro(CEN/UnB)

Prof^a. Dr.^a Ângela Barcellos Coelho Café (CEN/UnB)

Prof MS Armando Morais Veloso(SED-DF)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente à minha Mãe, Márcia Maria, por todos os momentos únicos, dificuldades, alegrias, abraços e beijos. Que sempre me ensinou a importância da família e o respeito, o quanto conseguimos o nosso bem e paz ao desejar bem aos outros.

Às minhas avós, Dalva e Antônia, que tanto me encantaram com histórias e sorrisos. A curiosidade faz parte de mim desde jovem e afirmo que ainda sou criança, agora conheço o espaço que tanto desejava, encontrei outros mundos e formas de voar. A essas que sempre me indicam uma boa leitura, o meu mais sincero obrigado.

A meu pai, José Augusto, a pessoa mais calma que conheço, obrigado pela paciência, por confiar em mim e por me guiar nos momentos que estive perdido.

À minha irmã caçula, Maria Clara, essa que não dei apenas o nome, mas todo o meu amor agora e sempre. Obrigado por ter paciência, por me fazer tão alegre só de chegar em casa e ir direto falar comigo, por mostrar-me, desde bebê, que a vida é para ser vivida da forma que desejamos e com quem amamos.

A meus amigos e amigas, Mariane Mendonça, Úlli de Oliveira, Igor Passos, Cláudio Henrique, Roberto Lacerda, Dara Audazi, Ana Vitória Rabelo, Emily Wanzeller, Arthur Scherdien, Shirley Araújo, Danilo Andrade, Luiza Veloso e todos e todas que tanto me abraçaram. Por todas as brincadeiras e risadas, todo o conhecimento e troca, que vocês possibilitaram, impactou diretamente no que sou hoje, obrigado por serem a minha luz.

À minha mestra Ângela Café, por todo ensinamento, por todos os “sim” e “não” que deleito ao escutar, por estar presente desde o começo da minha graduação e ter me ajudado tanto, pelas histórias e aprendizagens, por todo carinho, amor e ternura.

À minha mestra Cyntia Carla que, mesmo distante neste momento, é meu pensamento semanal ao entrar no departamento. Agradeço imensamente pelo carinho, aprendizagem e por todas as risadas nos momentos mais difíceis que passamos nessa rápida e prazerosa graduação.

À minha mestra Carmen Suhel, que me acolheu com muito carinho dentro de sua sala, por possibilitar não somente a pesquisa, mas toda a aprendizagem e amor que já trazia consigo, e por proporcionar e realizar uma nova experiência dentro da escola.

A meu mestre Luiz Carlos Laranjeiras, por - mesmo que tenha sido de forma repentina - passar em minha vida, me trazendo diversos pensamentos e inúmeras possibilidades, por encantar a todos com suas rodas e pela alegria que trazia com sua presença.

A meu mestre José Mauro, por aceitar a loucura, pelos encontros e desencontros, por toda alegria e sabedoria. Pela paciência e parceira que realizamos no meio dessa graduação, por possibilitar igualmente a todos, que aqui menciono, um momento meu com os demais, com o mundo, onde o caminhar incessante não desgasta e não desanima, por ser sincero e atencioso, faremos juntos o melhor para nós.

*"Eu tô falando é de atenção que dá colo ao coração
E faz marmanjo chorar
Se faltar um simples sorriso, às vezes, um olhar
Que se vem da pessoa errada, não conta
Amizade é importante, mas o amor escancara a tampa
E o que te faz feliz também provoca dor
A cadência do surdo no coro que se forjou
E aliás, cá pra nós, até o mais desandado
Dá um tempo na função, quando percebe que é amado
E as pessoas se olham e não se falam
Se esbarram na rua e se maltratam
Usam a desculpa de que nem Cristo agradou
Falô! Cê vai querer mesmo se comparar com o Senhor?
As pessoas não são más, elas só estão perdidas
Ainda há tempo. "*

Criolo

RESUMO

A presente monografia busca um olhar sobre como o diálogo e a reciprocidade dentro da educação possuem sua importância ao buscar a emancipação do estudante, reconhecendo que muitos têm dificuldade em perceber seus direitos dentro do ambiente escolar. Diante de inúmeras possibilidades, apresento aqui uma abordagem teatral que possibilita a aproximação de problemáticas referentes ao relacionamento dos estudantes com o mundo, analisando caminhos para solução, além de incentivar a construção de diversas temáticas base para discussão dentro da escola. A metodologia utilizada para a pesquisa inspirou-se na proposta de Barbier, que consiste em pesquisa e intervenção durante o processo metodológico, a Pesquisa-Ação. Por fim, identifico como o ambiente escolar encara tais demandas e aberturas estudantis dos próprios estudantes. A pesquisa foi realizada no período de março de 2019 a novembro de 2019.

Palavras-chave: educação; emancipação; diálogo; caminhos; relacionamento.

ABSTRACT

The present term text seeks a look at how dialogue and reciprocity within education have their importance in seeking student emancipation, recognizing that many of them have difficulty in understanding their rights within the school environment. Faced with innumerable possibilities, I present here a theatrical approach that allows the approach of problems related to the students' relationship with the world, analyzing ways for a solution, besides encouraging the construction of several basis themes for discussion within the school. The methodology used for the research was inspired by Barbier's proposal, which consists of research and intervention during the methodological process, the Action Research. Finally, I identify how the school environment faces such student demands and openings of the students themselves. The survey was conducted from March 2019 to November 2019.

Keywords: education; emancipation; dialogue; paths; relationship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. A PROXIMIDADE, A DISTÂNCIA E O QUE NOS UNE.....	13
1.1 Expectativa Estudantil e Pertencimento Cultural.....	15
1.2 Mediação e Aproximação Sócio-Cultural.....	20
CAPÍTULO 2. EMANCIPAÇÃO DO ESTUDANTE E PERTENCIMENTO CULTURAL: ALGUMAS REFLEXÕES	24
2.1 A (im)previsibilidade das caminhadas e dos caminhos.....	25
2.2 Diálogo, Mediação e Aproximação Sócio-Cultural.....	28
2.3 A Competitividade e a Desconstrução do Saber.....	30
2.4 Fazer Arte e o ensino de Arte na escola.....	30
2.5 Para uma visão mais ampla do percurso: Experiências desenvolvidas.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Aventurei-me em diversas (in)certezas até hoje, senti estar distante de mim durante a adolescência e por conta disso surgiu a dúvida dos meus desejos futuros. Parecia ter deixado o destino tomar seu rumo sem me importar com o amanhã, o que queria, o que realmente importava e o motivo de precisar me preocupar com o futuro, coisas que me colocaram em um paradoxo. A importância de decidir o que queria realizar, ao passar dos anos, me assustava, ser astronauta não se encaixava no possível. Com o decorrer dos anos, a possibilidade de realização desse sonho parecia maior que a distância da Terra para a Lua; a Astrologia seria inviável, a cobrança era conseguir um emprego, não uma invenção; a educação, bem, ela poderia ser uma carga muito grande para um jovem incerto como este que gosta de tudo um pouco. Entretanto, hoje este jovem reconhece que a educação tem a possibilidade de abarcar todos esses sonhos impossíveis. Tendo em vista que o descobrir está totalmente conectado com a aprendizagem, que é mais do que apenas obter informação, pois esta última, por si, tem sua utilidade quando está ligada à possibilidade de sua aplicação junto ao conhecimento.

O amadurecer teve seus empecilhos. No processo de diversas mudanças, perdi laços e traços daquilo que algum dia já estive comigo e já fui. Procurei, em diferentes locais, o que seria mais prazeroso, não abri mão da minha felicidade, no fim, nada me amarrou - essa foi a melhor parte -, o estar amarrado me limita. O questionamento de qual caminho seguir não pôde manter o foco em apenas uma resposta. Com as diversas mudanças de escolas, casas, amigos, encontros e desencontros frustrantes por não conseguir enraizar em nenhum local na infância, me tornei introvertido como defesa, admito. Hoje reconheço que esse fato não se tornou um problema e sim uma maneira de amadurecer, pois compreendi várias realidades, vivi algumas, senti o impacto de outras, experimentei de tudo um pouco e ainda estou nessa descoberta.

Ainda anseio pelo inalcançado, como uma criança que espia para ver aquilo que nunca viu e corre para descobrir algo que não conhece. Ainda me permito desbravar o mundo, não desejo fazer isso sozinho e não imagino deixar que os outros desistam de sonhar também, inspiro-me em um jovem de sete anos que tinha o desejo de ajudar os outros, não sabia como, mas agora entende que além de se ajudar, consegue fazer o mesmo ao próximo.

E agora, estabelecendo uma relação mais amorosa com o mundo e as pessoas, compreendo que um pouco do compartilhar saberes é o que faz o povo transformar-se em diversos contextos, procuro identificar quais seriam os melhores caminhos para realizar uma

nova abordagem dentro da escola. Acredito que não seja um trabalho exclusivo para sala de aula, são aprendizagens que dialogam dentro do contexto de cada um, partindo de provocações dos estudantes e dos educadores. Um processo que deveria estar em construção em todas as etapas do aprendizado, todos os locais físicos da instituição e, principalmente, ter o estímulo e reconhecimento por todos os que convivem em sociedade.

Os impulsos provenientes de todas as direções da sociedade impactam no comportamento dos estudantes, os quais apresentam suas características e preferências a partir do convívio social que possuem dentro e fora da sala de aula. Vale ressaltar que os fatores sociais são importantes para o processo de formação do indivíduo.

Promover a aproximação da cultura local dos estudantes com o currículo escolar em sala de aula é essencial, de modo que o espaço seja utilizado para reconhecimento das necessidades da população, a fim de conciliar o exigido dentro dos parâmetros curriculares com o contexto que estão familiarizados.

Conviver com outras pessoas para compartilhar experiências, conhecimentos e ideias, vai além de entender determinada área e colocá-la para discussão esperando escutar a resposta certa e realizar uma avaliação. Estamos falando de gente que vivenciou milhares de sensações, cores, sabores, texturas, pessoas, lugares e coisas. O que é considerável, visto que cada ser humano é único e dotado de uma perspectiva singular acerca dos fatores que o cercam.

Por que muitas vezes as experiências e singularidades dos indivíduos são deixadas de lado? Por que não expandir o diálogo das problematizações? Compreender e aproximar as preferências dos estudantes iria realmente afastar a escola do verdadeiro sentido da instituição? E qual seria esse sentido?

Cada mundo tem suas infinitas particularidades e um ilimitado horizonte para descobrir, sentir, tocar, inventar e aproveitar. Entendo, como arte-educador, em eterno aprendizado, que um dos meus erros seria deixar com que isso seja a realidade apenas de alguns, retirando a possibilidade de voar de outros. Estaria desastrando¹ quem eu menos quero mal, o próximo.

A arte, em especial, transformou o eu-mundo em uma pessoa melhor, me tirou da monotonia e me lançou na correria; da cadeira para o chão e do chão para o espaço. Conheci mais de uma visão e ainda me surpreendo sobre diversas coisas que já conhecia e me encanto

¹ Para explicar o que desastrando significa para mim, cito Paulo Freire "As vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor." (FREIRE, 2015, p. 43) O professor ao desastrar a vida de um estudante, mesmo que com um simples gesto, pode se tornar um matador de sonhos.

novamente, igualmente com as novas. Lá eu pulei, girei, gritei, sorri e chorei. Mudei. O sorriso que encontro em sala de aula vem acompanhado de outros e, juntamente com o meu, encontrará novos, os quais estarão em diálogo com outros milhares que anseiam pelo mesmo prazer que encontro na educação, onde, mesmo com as diferenças, compartilham de um espaço e luta por uma realidade em que todos possam um dia, além de sorrir, serem seus próprios mundos, do jeito que são.

Tive como local de pesquisa o CEAN (Centro Educacional Asa Norte), local no qual não conheço grande parte dos estudantes, a pretensão era mediar relações com os estudantes nos momentos que dialogava com eles. Busquei demonstrar parte da importância de reconhecerem os assuntos que têm propriedade para falar e, com isso, incentivei o uso do espaço que já possuem, que é a escola, para perceber quais demandas consideram justificáveis de serem apresentadas - por estarem ou não satisfeitos com o assunto. O intuito era auxiliar, assim, a transformação da aula e, subsequentemente, a minha e dos estudantes. Esses que, percebem diariamente as mudanças que acontecem dentro e fora da escola, sabem das demandas sobre os trabalhos e onde os professores desejam chegar.

A partir disso, realizo o encontro com quem se aventura nesta leitura., pois espero que a expresse o que senti e sei que continuará a reverberar durante toda minha trajetória como pessoa. Aqui, precisamos delimitar um começo, um meio e um fim, mas que reconheçamos que não sabemos de fato onde tudo isso começou, e pensar onde será o fim não é uma opção. Estarei diariamente no processo de descobrir algo novo e encantador, espero que aqueles e aquelas que se aventuram em buscar o novo ou ainda estão decidindo se aventurar, também estejam.

A metodologia utilizada na pesquisa – a partir da pesquisa-ação (BARBIER, 1977) - dialoga com os estudantes e com suas realidades e, ao se deparar com dificuldades cotidianas ou não, instaura uma solução no decorrer da situação reconhecendo-as dentro das escolas.

O modo de realizar a aula, jogos, atividades e exercícios está totalmente ligado a não abandonar o pesquisador que está em todo educador, já que, mesmo possuindo vasta experiência e conhecimento, este está sempre em aprendizado, troca com os estudantes e necessita ser flexível para possibilitar o encontro com o desconhecido, o diferente, a beleza em conseguir se emocionar com palavras e acontecimentos simples que ocorrem na escola.

No capítulo 1, apresentei um pouco minha trajetória antes e durante a graduação em Artes Cênicas, com habilitação em licenciatura. Buscarei refletir sobre a transformação que

muitas vezes não buscamos, mas acontece, e como a sociedade interage conosco, o que reflete diretamente na relação do nosso interior com o exterior. Falarei como o educador, sendo um eterno pesquisador, necessita dialogar com a sociedade e a cultura que está na proximidade de seu ofício, para realizar contato com os estudantes da região onde reside, a fim de possibilitar o encontro das questões que os estudantes consideram importantes e a escola, para proporcionar uma relação horizontal entre sociedade e meio escolar, para, por fim, possibilitar uma vivência que preza primeiramente o estudante.

No capítulo 2, analisei o processo de ensino/aprendizagem que parte do excesso de conteúdo. Tratei de enfatizar como a recepção do educador dentro da escola sobre temáticas que os estudantes trazem e refletem irá impactar em como será o comportamento recorrente de suas escolhas.

CAPÍTULO I

A PROXIMIDADE, A DISTÂNCIA E O QUE NOS UNE

Estamos, com a sociedade, em constante transformação, pois carregamos características de locais que já cruzamos e proporcionamos mudanças às pessoas que estão ao nosso redor. Porém, são diversas as causas para tais acontecimentos. Entre tantas, podemos destacar a necessidade de inovação, a qual busca atender objetivamente o cenário mundial e novas características referenciais para demandas trabalhistas e, principalmente, para esta pesquisa e aqueles que consideram a mudança na forma de aprendizagem o principal fundamento inovador do mundo, a educação. Isso deve ser feito sem desconsiderar a existência de uma aprendizagem que antecede o momento da inovação a ser proposta, visto a influência e contribuição que ela, a primeira forma de aprendizagem, exerceu no processo formativo dos sujeitos.

Com as necessidades de atender um processo pós colonialista, o qual busca posicionar a população para amar seu país, mas ainda engrandece o colonizador como uma meta a ser atingida, acabamos transitando frequentemente entre o agir passivamente e ativamente. O passivo aceita propostas sem entender o porquê, ele enxerga a necessidade da ruptura com os costumes e enaltecimento do colonizador, que passivamente não reage a provocações, não questiona o porquê é submetido a passar por exagerada cobrança e muitas vezes, mesmo relutando dentro de si por uma resposta, não manifesta exteriormente aos demais sua inquietação e aguenta calado, reprimido em um estado que adoece e fere. Por sua vez, o ativo braçal, o incessante trabalhador, o especulador de mudanças - cujo o agir ainda está em processo - caminha vagarosamente para uma transformação, que é gradual, mas pode e deve acontecer, bem como está com a nossa sociedade, nesta e nas demais gerações. O jovem, mesmo com menos experiência, carrega de forma exclusiva seus interesses, questionamentos, informações e conhecimentos. Suas vontades pelo novo são enormes, dificilmente podemos garantir e premeditar para os demais o que considerariam o melhor para si. As cobranças que não foram dialogadas antes são recebidas constantemente.

Os modos de descobrir tais problemáticas dentro da escola necessitam diretamente do diálogo entre todos, inclusive a instituição. Ao excluir uma classe, estamos sujeitos a não mediar de modo honesto uma situação que engloba mais pessoas do mesmo convívio social, portanto, devemos estar em sintonia, mesmo que seja com o desequilíbrio, para que dentro de

um processo gradual, com o reconhecimento de problemas, tenhamos decisões que nos encaminhem para a solução. Barbier afirma que

O pesquisador deve saber sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos e de mitos. (BARBIER, 2007, p. 94)

É preciso que o arte-educador volte sua atenção à compreensão do interior do indivíduo, partindo do pressuposto que o discente é um ser único, que conta com vivência prévias ao momento de contato entre as partes. Logo, é necessário que haja respeito à experiência e à liberdade do estudante, pois desta forma o processo não será invasivo, o que tornará os diversos caminhos mais prazeroso aos integrantes do processo.

O ser humano, há milhares de anos, tem ciência das diferenças individuais. Lamentavelmente, percebemos que muitos não respeitam a liberdade do outro. Cada sociedade busca envolver o estudante da maneira que encara como mais adequada para que ele seja incluído a ela. Com o intuito de ensinar aos jovens diversas formas e áreas do conhecimento consideradas importantes para o meio social em que estão inseridos, os educadores poderiam - em breve momento - ter ultrapassado a ignorância e excluído a escuta sobre o jovem? Para os jovens, são ensinadas as razões pelas quais esses assuntos são importantes? Um estaria como degrau para outro até alcançar tal nível de intelecto? O Estado está mais interessado em outras questões do que resolver problemáticas criadas por jovens. O educador, que se encontra aflito diante da discordância do estudante, a qual - muitas vezes - está em querer reconhecer a necessidade, rebate a dúvida com apenas uma visão do porquê se torna importante determinado assunto, isso ocorre em função da ausência de soluções para problemáticas que muitas vezes também encarou quando jovem e enquanto estudante, mas às quais também não encontrou a resposta.

Dentre infinitas tendências etnográficas, a arte é inerente aos povos e resulta parcialmente nas características de sua sociedade desde suas primeiras formas de existência. Porém, a historicidade dos países colonizados beira o absurdo ao nos depararmos com o que restou com a chegada dos colonizadores. Durante o período colonial, o processo que havia de aprendizagem não ultrapassava a vontade dos portugueses em querer que os indígenas fossem catequizados, o que limitou não apenas o acesso à informação da época, mas também de seus sucessores. Ana Mae Barbosa afirma que “a preocupação com arte-educação no Brasil começou com o primeiro surto industrial que alcançou o país no fim do século XIX” (BARBOSA, 1985, p. 13), próximo ao período da abolição da escravidão (1888). Algo que refletiu diretamente no

resultado com passar dos séculos. O período colonial, mesmo nos últimos processos submetidos à coroa portuguesa, ainda se privava de diversos benefícios que poderiam ser alcançados com a educação para o povo. Em função da negligência de informações à população, a noção de identidade para a qual ficamos expostos nos amarrava à história como colonizados e relutantemente, com o passar dos anos, buscamos a própria identidade do Brasil, sem a necessidade de intervenção colonizadora sobre as tendências culturais e artísticas do país, porém como José Mauro completa

desde os primórdios, a educação brasileira, de modo geral e em todas as suas dimensões, caracterizou-se pela imposição de sentidos e valores da matriz colonial, em detrimento dos saberes dos que aqui já viviam ou dos aqui chegados. Iniciava-se o processo de construção e de afirmação do Brasil como nação, com aspectos que até hoje se refletem no nosso contexto cultural. (RIBEIRO, 2011, p. 29).

Na escola, a Arte (Música, Dança, Cênicas e Visuais) ainda revisita poucas tendências nacionais para estudo, não por falta de material - mesmo tendo grande parte dos registros apagados - pois ainda há riqueza de referências em diversas regiões do Brasil com milhares de exemplares e temática diferentes, além das produções artísticas anuais que se renovam constantemente. Porém, nos currículos das escolas, há uma supremacia da discussão de questões eurocêntricas de eurocêntricas de arte.

Sem dúvida, ainda estamos em um processo de descolonização que está presente por diversas gerações em nosso país, marcado por restrições e paredes que cresceram novamente com a ditadura, que delimitava o que o povo produzia e aquilo que eram autônomos a fazer. A história do Brasil – lado que nos foi apresentado – não esconde o modo que artistas e tendências europeias adentraram na nossa cultura como forma de apresentação ao que consideravam a verdadeira arte para um povo que julgavam ser desprovido do pensar. Barbosa complementa que “Nossa experiência histórica tem provado que, em um país econômica e politicamente dependente, o sistema educacional é um reflexo dessa dependência.” (BARBOSA, 1984, p.33).

E onde reflete diretamente essa escolha do que é reproduzido na escola? Qual o propósito de enfatizar a importância da cultura do estudante sendo que ela acaba marginalizada e idealizam outras dentro da instituição? Estaríamos mesmo dispostos a encarar uma nova realidade e sair do conforto, caso nos dê tanto trabalho? Bem, resistimos na utopia do ensino para todos, é sabido que não podemos perder o encanto ao dar de cara com tantas dificuldades propagadas por um sistema que procura frear o levante da própria população. Seremos movidos pelo desconforto, que fará com que nos articulemos e nos encontremos nas transições provocadas pelo mundo. Como todos, fazemos parte da história e dentro dela atuamos em

nossos respectivos segmentos, estar ou não de acordo com tal afirmação posiciona nosso pensamento sobre algo muito maior que nós, não que sejamos obrigados, mas ter consciência da nossa grandeza pode proporcionar uma nova chama para cada ser.

1.1 Expectativa Estudantil e Pertencimento Cultural

O processo educacional dentro da escola possui diversos métodos para estar em contato com o estudante de forma que haja interação com o educador, o intuito é promover uma melhor relação entre os dois lados e a primeira troca entre eles. Porém, o resultado alcançado a partir desses métodos - que muitas vezes permanecem tradicionais ao longo dos anos - pode engessar mais um estado da hierarquia tradicional dentro do ambiente escolar, meio em que o estudante se sente submetido à realização de ações e deveres que não compreendem o verdadeiro sentido de tal ato. Na realidade, a escola poderia considerar preparar o estudante para o mundo do jeito que ele é, ou seja, pensando nos dois, logo, na sociedade integrada à escola e o local em que cada aluno reside. Quanto ao estudante enquanto indivíduo, que prioritariamente deveria estar presente nas decisões da escola, percebe-se, ao analisar, que aqueles que estão em desenvolvimento junto da sociedade também são estudantes, bem como lutam e reconhecem suas prioridades - muitas vezes distorcidas e apagadas por não se sentirem dentro do próprio ambiente escolar. É impossível reduzir o método às possibilidades de escolhas e decisões apenas por parte dos superiores e aqueles que comandam, visto que, da mesma forma, na sociedade, a escola é diariamente frequentada por milhares de pessoas e não se fecha apenas em discentes e docentes. O caminho pode se iniciar no reconhecimento de que toda pessoa tem informação e cultura. Há uma busca constante pelo bem daqueles que formam nossa sociedade e prosseguirão em ascensão para chegar ao melhor dela, mas não devemos estar satisfeitos enquanto ainda existirem, em formação, pessoas insensíveis, imaturas e inconsequentes. Nosso desejo e conquista diária é a educação, com o intuito de transformar estes que, como Paulo Freire afirma, “transformam o mundo”.

Há bastante preocupação entre os discentes, por não estarem se sentindo pertencentes à escola, mesmo que seja um espaço dedicado e elaborado para eles, os quais acompanham diariamente as demandas culturais e interpretam de forma orgânica como o modo de estarem no meio os torna parte daquilo, como transformadores, mesmo em situações em que não desejem interferir ou renovar, o fato de estarem presentes os torna integradores, não fazer nada também se torna um ato transformador da situação. Os educadores e responsáveis precisam perceber essas mudanças e serem sensíveis aos acontecimentos, também devem controlar suas

reações premeditadas que podem promover um julgamento antecipado e afastá-los do meio. O professor, como eterno pesquisador, introduz junto dele um pouco de onde vem. O meio tende a transformar-se com ele, o que é comum, mas necessita entender que

Faz parte da natureza da pesquisa-ação assim como da natureza das artes marciais que a obsessão do rigor e da competição desapareçam, ao longo da experiência, em prol de sua finalidade repleta de uma complexidade crescente do Potencial Humano. (BARBIER, 2007, p.67).

O processo, ao ser interferido, não deve regredir para uma tendência deterioradora de sua cultura, suas ideologias e, principalmente, do meio e bem social. Compreender sua posição faz parte principalmente disso, não carregamos verdades absolutas, mas tendemos a não aceitar julgamentos por estarmos acomodados a não relutarmos ou questionarmos o porquê das coisas. O encontro destoante com o jovem transformador pode partir dessa mudança, o encorajamento da escolha das ações, das mudanças diárias, o entendimento das reproduções mecânicas que estão presentes no nosso próprio corpo e interferências simples que demonstram como o meio interfere nas escolhas do estudante - de não buscar as mudanças transformadoras em sua vida e seu meio – são coisas que contribuem para o acréscimo na relação educador-educando. Em detrimento de responsabilizar-se por um ofício² tão importante que é a educação, o educador necessita responsabilizar-se para, em primeiro lugar ao encontrar sujeitos passivos, buscar estimulá-los a “Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar” (FREIRE, 2011, p. 42).

A questão geradora de dúvida do *estou participando ou não*, é muito influente devido ao modo como os “superiores” escutam e se posicionam a partir do questionamento juvenil diante das escolhas que pensam serem melhores para eles. O apoio ao grêmio estudantil de cada escola deve vir influenciado não apenas pelos outros estudantes ao reconhecer a importância, mas também de nós, educadores que estão lá para eles e com eles. Dar prioridade ao discurso de quem está vivendo o momento atual do que é ser estudante, é de extrema importância para não que não realizemos um serviço apenas para o Estado como dever da profissão, e sim para os jovens que estão com a gente.

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes

² Aqui, busco enfatizar o quão importante considero e pretendo tomar com todo respeito à profissão, por isso a escolha da palavra que além do ato de trabalhar, também estamos exercendo o compartilhamento e criação de conhecimento e conteúdo. O Docente através do trabalho pedagógico busca o melhor para todos, buscando criar vínculos com o próximo para entendê-lo e a sua comunidade por um todo.

curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 2011, p. 32)

É necessário que o educador perceba que a educação não deve ser restrita e concreta para limitar o que deve ser discutido e problematizado, ao limitar o estudo e problematizações, o educador (em alguns momentos o centro de ensino) interfere no desempenho que o sujeito do aprendizado está a adquirir. É perceptível que se inicia primeiramente a transformação do professor para estar em sala de aula, não apenas para ensinar, mas também para aprender com os estudantes, o que o aproxima, da melhor maneira possível, da realidade em que agora está envolvido, bem como possibilita a busca por soluções para os problemas e a possibilidade de adequar-se, e não adequar todas realidades à sua.

O professor, como mediador dentro de uma sala de aula, não necessita utilizar de sua autoridade para ser autoritário, em nenhum momento precisa posicionar-se a frente como um inimigo. Ao receber a opinião do estudante, lembrando-se de reconhecer que o conhecimento que eles possuem é muito importante para o processo da aula, o professor estará preparado para realizar mudanças em seus planejamentos, os quais tendem a acontecer diversas vezes no decorrer do ano.

No caso do incentivo a partir da aula de Arte³, o educador tem maior contato entre os estudantes por se aproximar mais à realidade em que estão presentes, portanto consegue utilizar da cultura e do que os estudantes estão dispostos a conversar acerca do tema, por envolver a vontade e a necessidade de cada assunto para trabalhar sua aula. Ao refletir dentro da sala sobre as mudanças do mundo, expressões artísticas e sua própria realidade, o estudante reconhece a necessidade de mudanças dentro do que envolve a todos como um grupo, na sociedade, a escola é o primeiro momento e local de mudança que acarreta no que pode acontecer e assemelhar do lado de fora. É um processo gradual, de acordo com a vontade de recepção dos estudantes e do educador em conseguir conciliar o conteúdo com os conhecimentos do cotidiano, o que, muitas vezes, exige que todos saiam de sua zona de conforto em busca de uma solução, fator que pode servir e ser renovado no próximo encontro. A partir dessa relação entre indivíduos que estão em contato com a sociedade, arte, corpos e saberes, instauramos confiança e desafios, os quais - para os envolvidos - serão superados com renovação descobertas, compartilhamentos e sensações, como Barbosa afirma:

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modifica-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores

³ Arte como componente curricular (Cênicas, Dança, Música e Visuais).

desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (BARBOSA, 2010, p.100)

Conseguir dialogar com familiares, amigos e até desconhecidos, traz tranquilidade ao jovem, por entender que, quando bem engajado e articulado, será possível realizar uma transformação que ajudará o mundo e/ou outras pessoas a se sentirem e se comportarem melhor. Essa empatia pelo próximo moverá o estudante para preocupações humanitárias, as quais não o desviarão de seu caminho e desejo principal, por mais diversificado que seja, ser mais autônomo apenas possibilitará a melhor versão de si.

O resultado do processo de aceitação de propostas dos estudantes estará ligado a como o educador decide realizar o trabalho a priori, os processos consistem em tarefas e etapas fundamentais para o desenvolvimento do meio. Entretanto, o ato de estar presente e fazer parte se torna distante quando um não se liberta e é sincero com o outro. A busca da compreensão do trabalho está em constante transformação. Revalidar atitudes positivas que se perderam no meio pode auxiliar no objetivo da escola e do professor. Como estamos ligados com atitudes humanas e não enxergamos que, ao longo do tempo, processos maçantes nos colocam em gavetas que muitas vezes nos dão a sensação de já dominarmos totalmente com autoridade um assunto, o que fecha nossa possibilidade de mudanças hegemônicas exclusivas do ambiente escolar. O ensino de Arte e o processo que o artista-educador realiza em seus encontros, encaminham muito bem o desenrolar para não perder o sentido e razão das ações e, da mesma forma que o Teatro em sua essência, não entrega respostas prontas, mas aponta questionamentos e problemáticas e possibilita ao espectador – estudante – a chance de resolver os problemas que está enfrentando em sua vida pessoal. Similar a isso Barbosa afirma que:

Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (BARBOSA, 2010, p. 100)

Contudo, além da explicação e envolvimento com as questões culturais trazidas de fora para a escola, as observações nessa parte do processo se tornam mais reflexivas para os estudantes e professores. A fim de realizar uma análise de todo o processo e as questões as quais decidiram ser tratadas dentro da escola, é preciso escolher exercícios e oficinas com temáticas que mais se aproximam do que trouxeram e poderiam dialogar melhor com a realidade da região.

1.2 Mediação e Aproximação Sociocultural

Os estudantes criam e inovam o tempo inteiro coisas que surgem como uma novidade ou já foram vistas por eles, expressividades que estarão marcadas. O corte dessa atividade irá desprender o estudante do ambiente escolar que, muitas vezes, o priva de certas atividades por não saber lidar e dialogar como um mediador, é preciso resolver a questão e não gerar discórdia em ambos os lados. O uso de celular em escola é frequente e proibido por algumas, em função de não saberem como controlar e utilizar a tecnologia para o bem. Em contrapartida, é fato que a tecnologia e a transmissão de informação pelo telefone celular chegou para ficar e inovar, negar aos estudantes que eles possuem tal conhecimento na palma da mão, pode fazer com que eles não entendam o porquê tais recursos não podem ser utilizados, no lugar de vetar o uso, deve haver um diálogo e busca da melhor maneira para que, ao utilizar o recurso tecnológico, a utilização seja nos casos adequados, logo, extremos ou requisitados dentro da escola para a confecção de um trabalho ou projeto.

Os profissionais da educação trabalham e analisam diariamente, como pesquisadores, o comportamento dos estudantes, diretamente ou indiretamente. Tendemos a facilitar o nosso lado, pela demanda de estar em diversas turmas e carecer de mais tempo fora da escola para correção e preparação da aula, mas também buscamos o bem-estar dos estudantes. Da mesma forma, gostaríamos que os outros educadores de áreas diversas respeitassem os artistas e o arte-educador e o conhecimento de Arte fossem vistos como de fato são e podem proporcionar ao mundo, não como objetos de extensão ou como uma ferramenta para trabalhar dentro da escola com os assuntos que não conseguem fazer conexão para entrar em contato com o estudante. Qual seria o sentido de estarmos com a disposição e todos os requisitos necessários para além de realizar trabalhos incríveis e bonitos esteticamente? Nós não trouxéssemos sentido a ele? De que vale um processo sem um trabalho final? Sem julgar necessária a apresentação de um trabalho final, posiciono, na verdade, como este processo com ideal de ter um fim para iniciar novamente, pode trazer o sentido e a sensibilidade que o processo traz, muito mais para os envolvidos do que para aqueles que estariam para assistir. Dar sentido ao que está sendo produzido e vivido internaliza um significado a tudo que passamos.

Estive recentemente em um seminário de professores em Salvador – BA para a apresentação de um trabalho que realizei em escolas do Distrito Federal, em especial, relatei sobre o CEM (Centro de Ensino Médio) 02 de Brazlândia. Dentro da roda de conversa que estive em um dos dias, um professor de Sociologia apresentou o trabalho que realizou com os pibidianos (participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e o

modo que utilizou o Teatro do Oprimido (1971), método teatral com diversos jogos e técnicas elaboradas por Augusto Boal. Porém, o discurso que trouxe para a utilização, entrega brevemente que o professor nunca estudou o T.O, a começar pelo desabafo de que não achava necessária a entrada política que Boal inseria ao utilizar o método. Segundo que estava utilizando o que ele entende como T.O para entrar em diálogo com os estudantes e realizar estudos teóricos. Bem, claramente, o processo que o professor e os pibidianos estavam desenvolvendo não se tratava do T.O em sua essência. Estamos falando de um Teatro que teve sua principal função e uso no período da ditadura militar, que sempre estará conectado com a política, porque estivemos e estamos em um processo político, vivemos e falamos política, fugir disto também se torna uma escolha política. Então, qual o impacto que este trabalho teria na vida dos estudantes? Mais uma vez, o Teatro e a Arte estão sendo utilizados como uma ferramenta, e me indago que se teria sido utilizada da melhor maneira possível, ao retirar toda a proposta que realmente estava para jogo e colocá-la de lado, o cuidado com o nosso campo foi e ainda é supérfluo para muitos. Reconhecer e lutar pelo espaço que temos necessita de visibilidade para que injustiças dentro e fora da escola não aconteçam, a fim de que a experiência com os estudantes seja verdadeira, duradoura e com um significado para eles e para nós, não estamos em busca de formas para apenas passar o conteúdo. Como educadores e como pessoas, nossa preocupação vai além do contato é a transformação a partir da educação, essa que, aos poucos, irá transformar o estudante, a sociedade e o mundo.

Mas, dentro da mediação existem momentos, como em todas as outras áreas, entre a idealização e a realidade. Não há problema o educador possuir uma visão utópica do que gostaria de realizar, mas compreender que cada espaço demanda dele tal esforço, busca e prática ao realizar seus encontros com os outros professores e alunos, o transforma em um professor para fora da caixa. O educador, às vezes utópico, que muitos idealizam ser, pode não ser alcançável, visto que os indivíduos falham, e não há problema em falhar algum momento, como humanos, fazemos isso diversas vezes durante a vida, o aprender com o erro o leva a outro lugar e encara outro cotidiano que agora, mais maduro que antes, resolveria facilmente as problematizações apontadas por todos ao seu redor.

O Teatro busca um contato maior com o próximo e identifica esses momentos que podemos aprender diretamente com o erro, experimentação, falha e tentativa individual e coletiva. Dentro da escola, os educadores buscam o conforto do estudante, que prioriza em demais segmentos o mesmo processo, compreender o avaliativo e focar no que está sendo requisitado com passar de ano. A crítica muitas vezes não é aceita como forma de crescimento, mas sim como o que deve ser melhorado para aumentar a nota, o erro só é necessário para que

altere os valores e o acerto consiga alavancar a média para aprovação. Onde está a divisão do que estamos tentando realizar e o que estão captando referente a avaliação? Onde está a compreensão de que o processo inicial pode ser realizado com o que desejam trabalhar, a partir de conhecimentos que já possuem para melhor adaptação de inserção da linguagem que o sistema nos exige? Quais trabalhos podemos realizar a partir do Teatro onde os estudantes e os professores possam reconhecer seu espaço –escola e mundo- como sua casa?

Pensando nisso, mantive a percepção de pesquisador e analisei todos os processos que estavam sendo realizados dentro das escolas que tive acesso, junto de outros residentes que estão na primeira turma de Residência Pedagógica, que consiste em - depois da metade do curso – fazer com que os discentes universitários sejam inseridos e experienciem a docência, pioneiros no projeto da Universidade de Brasília (UnB) que busca “contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora.” (CAPES, 2018). O meio interagiu diretamente conosco e facilitava o acesso e o contato entre os estudantes, estávamos em um local onde estavam abertos para diálogo e gostariam de realizar experiências novas, processos renovadores, expandir as possibilidades dos trabalhos tanto da escola como fora, por já possuírem grande parte dos estudantes com os quais o processo estudantil foi feito e pode ser pensado *com* eles e *entre* eles. Buscamos, então, analisar situações que ainda estavam marcadas dentro da escola, momentos onde passavam despercebidos aos olhos dos estudantes e da coordenação, acontecimentos que poderiam configurar desrespeito a um estudante ou grupo.

A pedagogia do jogo e aprendizagem do Teatro do Oprimido, criado e trabalhado por décadas por Augusto Boal, diversos atores e não-atores, entraria de maneira fácil em diálogo com a realidade apresentada em diversas escolas públicas em todo o Brasil, pois Boal cita que “O teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade; é ao espectador que cabe modifica-la.” (BOAL, 1975, p. 22)

A proposta não é transformar nenhum estudante em um ator profissional, o maior objetivo é a aproximação com a realidade para criação e problematização do que poderia ser realizado para melhorar o convívio com o próximo e outras relações com a comunidade em geral, entendendo as diferenças como elas realmente são, todos somos diferentes e não se deve procurar um padrão para agradar aos outros. Serão vivenciadas experiências que irão reverberar durante toda a vida dos estudantes, aqueles que estão ao seu redor e aos professores que podem

acompanhar o processo. Ao utilizar os jogos teatrais, possibilitar um diálogo com os estudantes, há um caminho que os leva a uma criação de cena para apresentação dentro e fora do ambiente escolar. Demonstrando suas preocupações e percepções de onde estão.

Na verdade, porém, por paradoxal que possa parecer, na resposta dos oprimidos à violência dos opressores é que vamos encontrar o gesto do amor. Consciente ou inconscientemente, o ato de rebelião dos oprimidos, que é sempre tão ou quase tão violento quanto a violência que os cria, este ato dos oprimidos, sim, pode inaugurar o amor. (FREIRE, 2019, p. 59)

Não há oprimido sem o opressor e há momentos onde o oprimido pode colocar-se, inconscientemente, do lado da opressão dessa hierarquia problemática. Quem inaugura essa violência são aqueles que a praticam, dentro de casa, no trabalho, na rua e, em diversos âmbitos e possibilidades, na escola. Por hora, parece que o assunto se repetiria na história desde muito tempo para além do que podemos imaginar. Enquanto sentem a necessidade opressora que parece emergir de natureza humana, os governantes - de forma que encaixa na burocracia - desfrutam dos acontecimentos para maior ganho dentro de suas ideais. Corrompem um discurso sobre a verdadeira preocupação com o cidadão e a educação e despontam de uma generosidade que não pertencem a eles. Mas, onde poderíamos buscar empoderamento, conciliar o trabalho e as questões com as problemáticas encontradas dentro da escola sem principalmente prejudicar o aluno. Pois, se estamos como responsáveis, que sejamos todos juntos, classe trabalhadora, professores, coordenação, seguranças e terceiros, junto de seus estudantes, que não gozam de sua liberdade por estarem firmemente em um sistema que procura sucatear o serviço dos educadores que, arduamente, trabalham todos os dias em busca de um sistema educacional que atenda à demanda populacional e, principalmente, escute as preocupações dos estudantes que compartilham conosco.

CAPÍTULO 2

EMANCIPAÇÃO DO ESTUDANTE E PERTENCIMENTO CULTURAL: ALGUMAS REFLEXÕES

É cada vez mais claro que o professor não entra em sala de aula para transferir conteúdo, mas sim para estar presente na vida e possibilitar transformações dos estudantes e dele mesmo. Assim como afirma Freire:

Saber que ensinar não é transferir conhecimento é fundamentalmente pensar certo, é uma postura exigente, difícil, às vezes penosa, que temos de assumir diante dos outros e *com* os outros, em face do mundo e dos fatos, ante nós mesmos. É difícil, não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar simplismos, as facilidades, as incoerências grosseiras. (FREIRE, 2015, p. 48)

Com o passar dos anos, no Brasil, perdeu-se, para alguns membros da sociedade, a necessidade do porquê estudar determinadas matérias, do porquê a aprendizagem é de extrema importância para a transformação das pessoas, o que possibilita o crescimento para serem autônomos - sem haver necessariamente uma desobediência visto que educação também é obediência - e responsáveis. As atitudes do educador em sala de aula refletirão diretamente no modo como os estudantes irão abarcar as propostas trazidas para o contexto escolar. Um exemplo sobre essa afirmação é como o professor ao recorrer ao autoritarismo estará sujeito a diversas experiências dentro de uma instituição educacional, podendo – elas – serem positivas ou negativas, não apenas ao estudante, mas ao próprio educador. Porém, casos isolados não geram a verdadeira imagem do que os educadores no Brasil e afora querem realizar. Analisar formas de compreender, presenciar e realizar intervenções urbanas, produções culturais ligadas com a expressão e costumes dos jovens, facilita a relação e posicionamento do educador com o estudante. Mas, resoluções de como podemos utilizar desses e outros mecanismos de contato com o jovem como forma de auxiliá-lo em seu futuro, independente do que deseja realizar, se torna um desafio a partir do momento que parte da sociedade inviabiliza acidentalmente o sentido da aproximação entre comunidade e escola, essa atitude limita o educador apenas à sua sala de aula, o que dificulta as possibilidades de expandir o assunto e, consequentemente, o que os estudantes gostariam de falar sobre suas ações e efeitos cotidianos que refletem em sua vida.

A valorização diante da profissão se diversifica muito a partir de cada região que está em análise, cada sociedade tem seus costumes e tradições, que, inevitavelmente, refletem diariamente no ambiente escolar por aqueles que estão presentes, sejam eles estudantes,

funcionários ou professores. Estar ciente que a sociedade é parte integrante da escola e conhecer a realidade dos estudantes e pessoas com quem você convive, possibilita a aproximação da verdadeira preocupação dos envolvidos, o que varia em cada escola.

2.1 A (im)previsibilidade das caminhadas e dos caminhos

Ainda citando Freire:

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam. (FREIRE, 2015, p. 53)

Desde jovem, mudei constantemente de escolas, colegas e professores. Nunca tinha ficado mais de um ano completo em uma escola, até chegar no segundo ano do Ensino Médio, onde finalizei os estudos no mesmo colégio. Diante de todas essas mudanças, por ter passado por escolas de diversas regiões, estudado em lugares distantes, rurais, particulares ou públicos, o que mais me transformou foi o contato com a realidade de cada local. Mas, nem tudo fica nas maravilhas e aprendizados sem o desconforto, não impulsiono tal situação como merecedora ou necessária para a construção ou transformação do ser, identifico em convívio próximo, até comigo, como desnecessária ao ferir, incomodar ou desabilitar outra pessoa ao querer fazer ou ser quem ela é. Como gente, aprendi que na vida muitas coisas podem ser duras e se manter firme é o necessário, mas não justificável para aclamação, tal qual um guerreiro por enfrentar os seus problemas gerados por terceiros, sendo que existem diversas formas de aprender a ser forte. Constantemente, passamos por dificuldades que nos colocam para seguir em frente e não nos ferem como em tempos de escola.

Os anos foram passando, as mudanças continuaram e permaneci em um processo de conhecer novos lugares, pessoas e diversas formas de expressão. Ainda no fundamental, me encontro com uma turma que tinha lá seus porquês de ser conhecida como problemática. Estava em uma turma com umas das maiores médias do colégio, tanto no que diz respeito à nota quanto por chamadas da coordenação em função de problematizações e revoltas o tempo inteiro. Deitávamos no chão por querer troca de cadeiras e exigíamos que no turno contrário tivesse teatro e música, além do desenho, pois as aulas sumiram depois de um período no começo do ano por falta de professor, exigência com direito a retirar cadeiras de sala, bater cadernos e irmos juntos à direção pedir por algo que gostávamos de fazer. Eles gostavam. No começo não me incluía por medo de como as coisas aconteciam, por muito tempo fui quieto e dialogava com poucos, até ter a primeira atividade com Teatro. Só pensava e desejava Teatro. Foi quando percebi a vontade que os discentes tinham de exigir as coisas. O professor – que trabalhava com

música e teatro no integral – retornou e expressava a necessidade de engajarmos para buscar o que queríamos, ele dialogava, questionava, esperava a resposta e realizava uma nova proposta a partir disso. Reconheci que também era integrante desse novo espaço, e não demorou muito tempo para isso, porém, pela segunda vez no ano o professor se afastou e dessa vez ninguém poderia integrar as atividades com a disciplina - acontece a todo momento em diversas escolas públicas - continuei pertencente à turma, mas não estava tão ligado à própria tendência dos estudantes pelos gostos de cartinhas, músicas e namoros, esperei novamente uma sinceridade e um local para me sentir bem, bem eu.

Talvez faltasse mais de mim ou apenas fosse uma fase do amadurecimento, não encaro como problema, de forma alguma, adoro retomar para lembrar as boas risadas e momentos que me diverti nos primeiros anos na escola e continuo alegrando-me com o próximo, com gente, assim como o que sou, resistente. Que ri, que chora, que ama e compartilha com o outro, que aprende e se diverte.

Gosto de lembrar desses momentos por serem tão destoantes em cada caminho que peguei. De ter sentido diversas formas de afeto e modos de conversar para entender o outro, entre abordagens, escolhas e indagações, meus antigos educadores procuravam a dúvida, a constante procura por uma solução de questões que cercam nossa sociedade em todas suas áreas, tive o prazer de não encontrar professores que quisesse esquecer. A lembrança que trago e compartilho são de batalhadores, assim como de milhares no mundo inteiro que aos poucos provaram novamente que o diálogo é nosso companheiro a todo momento, em qualquer circunstância dentro e fora de sala, e nos insere em um espaço sincero, tanto que “a confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros da *pronúncia* do mundo”. (FREIRE, 2019, p. 113)

Assim como o destino é variável, o ser humano também, achar que ele se torna idêntico à sociedade que está seria menosprezar o passado individual e características próprias do indivíduo. Estabelecemos diariamente comunicações específicas com cada pessoa que interagimos, mediando nossas interações para que não seja interpretado nada além do que queremos dizer. A linguagem não verbal carrega consigo marcas que muitas vezes apenas a voz não seria capaz de levar a uma interpretação, por sua particularidade de jeitos de alcançar coisas muitas vezes não visitadas antes. Então, sabendo disso, por que muitas vezes não interagimos com os estudantes para trabalharem mais com o corpo com a fala além do conteúdo? Qual seria o verdadeiro limitador dentro da escola? “Falar em humanismo e negar os homens é uma mentira” (FREIRE, 2019, p.113). Dizem que a estrutura da escola reprime os estudantes pela

quantidade de regras e grades, mas ao pensar como educador, o que limita para que nós não possamos romper as barreiras e incentivar o estudante a expressar o que o define? e se essa forma de se definir hoje não o limita para o amanhã? Cogitar não proporcionar ao estudante uma diferente visão de mundo, apresentando-o diversas formas de cultura, de gostos e de pensar, reflete diretamente na ignorância do próprio educador sobre o mundo. Não querer interagir com as perspectivas e tendências culturais encontradas dentro de sua escola, o que dificilmente se concretiza num bloco homogêneo de pensar, é impossibilitar não apenas o compartilhamento do conhecimento entre pessoas, mas também a construção da desconfiança, com pessoas que interagimos todos os dias, como pessoas que frequentam o mesmo espaço que nós diariamente e fazem parte de nossas vidas.

A fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. O homem dialógico tem fé nos homens antes de encontrar-se frente a frente com eles. Esta, contudo, não é uma ingênua fé. O homem dialógico, que é crítico, sabe que, se o poder de fazer, de criar, de transformar, é um poder dos homens, sabe também que podem eles, em situação concreta, alienados, ter este poder prejudicado. Esta possibilidade, porém, em lugar de matar no homem dialógico a sua fé nos homens, aparece a ele, pelo contrário, como um desafio ao qual tem de responder. (FREIRE, 2019, p. 112)

Não são poucos aqueles alunos que, por conta da dificuldade, desviam diariamente de assuntos que fogem do conteúdo da escola. Enquanto a exigência social empodera jovens periféricos para lutarem por seus direitos, precarizações se aproximam de todos os lados, comandados por aqueles que estão no poder e tentam afastar o jovem de seus direitos, “que para eles, a ignorância absoluta do povo não lhe permite outra coisa senão receber os seus ensinamentos” (FREIRE, 2019, p.210) tentam restringir o professor de adentrar em alguns assuntos dentro da escola, podam possibilidades de comunicação e, muitas vezes, o professor, mesmo com boas intenções, se vê rodeado por opressores e se encontra proibido de falar sobre determinados assuntos.

A construção do diálogo e mediação dentro da escola, busca-se libertar o estudante de algumas regras impostas, limitadoras de seu processo como aluno e ser dentro da sociedade, o que, anteriormente, tendenciosamente narrava a história dos estudantes para uma massa de mentes que não se posicionam livremente e não possuíam autonomia para exercer sua função dentro da sociedade como cidadãos, além de sua profissão e deveres.

Neste sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, menos pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador de um lado, educandos, de

outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos. (FREIRE, 2019, p. 94)

A necessidade de enfrentar e superar a educação tradicional, que dificulta a superação dos educandos e dos educadores, é alarmante. O tradicional que situo não é o de apresentações expositivas, e sim ao que não varia nas buscas e descobertas, permanece na posição de educador na frente e estudante sentado, passivo e limitado para as possibilidades dentro do meio educacional que o cerca com grades, muros e não tem diálogo de estudante com estudante para fora, ou seja, para o mundo.

Em verdade, manter essa contradição dentro da escola é algo bem visto por aqueles que acreditam ser a forma de manter a ordem, não percebem que essa forma de repressão limita o estudante e não o aproxima do que ele realmente quer ou do método que poderia ser utilizado para o estudante aproximar-se do que será estudado, falta-lhes confiança com o sistema, com os professores e consigo. A confiança deve ser conquistada aos poucos, para que, durante esse passo, o diálogo entre educando e professor consiga conciliar as problematizações para uma solução. Podemos, por exemplo, instigar, mas não obrigar um estudante a se abrir com jogos teatrais. A construção de certa confiança e autonomia do estudante, dentro de um sistema que muitas vezes menospreza o que ele sente, é atrasada em função do professor guiá-lo exclusivamente do modo que julga necessário, por já terem recebidos muitos ‘não’, por muitas vezes, ao repetir uma pergunta, não serem levados a sério e por sentirem que estão dominados.

A partir dessas reflexões, cheguei à ideia e necessidade de buscar diariamente maneiras de encontro com o estudante, de proximidade, em que o diálogo seja incentivado e traga primordialmente um sentido não apenas para mim, mas para quem está comigo no processo, sejam eles estudantes, professores, funcionários ou externos à escola.

2.2 Diálogo, Mediação e Aproximação Sociocultural

Em todos os encontros e desencontros realizados por mim nesse processo, cito dois que me trouxeram mais sentimento de sinceridade. Esses que foram em regiões rurais ou distantes do centro, o Centro de Ensino Fundamental Tamanduá (Gama) e o CEM 02 de Brazlândia possuíam estudantes que demandavam muito do carinho, digo isto do CEF TAM por ter estudado lá e entender a relação de pais, professores, estudantes e funcionários. Precisavam uns dos outros, reconheciam isso e não perdiam a comunicação necessária para funcionar, mesmo com suas dificuldades. Em Brazlândia, tive um dos meus primeiros contatos aplicando jogos teatrais com pessoas que não tinha tomado conhecimento sobre teatro. Em 2018, eu e Mariane, colega e amiga que fiz no começo da graduação, marcamos de ir em uma escola bem distante

do Centro para aplicar o Teatro do Oprimido, com intuito de perceber concretizações diárias do *bullying*.

No dia da pesquisa, cheguei com o pensamento que enfrentaria dificuldades para entrar em contato e aceitação dos estudantes. Esse que leva a uma das problematizações pontuadas muitas vezes por professores, mas a situação estava sendo muito bem encaminhada por nós e por eles. Aqui, me deparei com uma das coisas que considero mais importantes dentro e fora da sala de aula: O diálogo. Não que houvesse um cenário de carência total de conversa dentro da escola, mas, pelo que conversamos com os professores em outro momento, grande parte dos professores eram novos na escola e sentiram esse choque e vontade dos alunos, a necessidade de serem escutados. Não que eles achassem que os professores iriam escutar e resolver seus problemas, mas achavam que faltava companheirismo. Não sabiam que a voz estava com eles, não fomos lá para dar a eles a oportunidade de falar, mas sim a nossa de escutar. Ficamos encantados que, dentro do seu próprio meio, ao ser apresentado um problema no Teatro Fórum, os estudantes estavam atentos para buscarem juntos uma solução. Além do Teatro Fórum e o Beijo do Vampiro, proposta teatral desenvolvida por Augusto Boal (1975), conseguimos realizar uma roda de conversa que, mesmo como mediadores, caminhava, da sua própria maneira, com o auxílio da turma para além de conciliar as falas e entender as problematizações de cada estudante.

Esse momento de compartilhamento de conhecimento foi muito importante na minha vivência, me conectou a vários momentos de minha vida com os quais eu gostaria e tinha a possibilidade de falar algo que desejava, mas fiquei calado. Em vários momentos estive incomodado e poderia apenas me retirar, hoje, percebo que podemos encontrar soluções sozinhos, mas também podemos contar com os outros. Isso em nossa casa, grupo de amigos no trabalho e dentro da escola, conseguir uma boa comunicação com os outros professores pode impulsionar em grande escala o resultado dos estudantes que, assim como nós, estão ensinando, aprendendo, se transformando e se tornando mais gente a cada dia.

Assim, prossegui no percurso em que diariamente encontro uma nova possibilidade, a cada dia, a palavra tem pra mim um novo significado, o qual pode encaixar com o que os outros pensam, o que não limita e não interrompe o processo de terceiros. Quando a palavra fala por si, não é volátil e nem rígida. O que não foge é a vontade de melhorar, de artisticamente respirar a vida, possibilitar a criação, criar, estar presente e ser presente com os estudantes.

2.3 A Competitividade e a Desconstrução do Saber

Quando passamos a refletir sobre o desenvolvimento educacional brasileiro, o qual possui como preocupações vertentes unicamente eurocêntricas, nos aproximamos de dúvidas e problemáticas que precisamente incomodam parte dos professores. Alguns entram no comodismo de pensar que devemos nos preocupar primeiramente em passar o conteúdo aos alunos e depois exercícios para fixar o que foi exposto, o que coloca a profissão em uma caixinha que não seria propriamente sua. O sujeito, ainda em período escolar, não deveria se restringir à individualidade, sendo isto um dos encaminhamentos que algumas escolas levam aos estudantes, com esse processo, suas ocorrências diárias estariam também ligadas a essa preocupação e atrapalhariam no desenvolvimento social natural do ser humano. A sociedade moldada de forma competitiva acostuma de certa maneira os jovens que agora estão em desenvolvimento, dentre tantas dificuldades que vivemos no dia a dia, o modo de seu foco pode tornar-se egocêntrico.

Ao pensar uma visão pós-colonialista e desconstruir alguns princípios básicos da educação na forma que são exercidos e não pensados, reconhecemos que a naturalização e praticidade de permanecer realizando do mesmo modo determinadas funções deixa o ofício mais fácil, reduz as transformações primárias para a escola renovar com o passar dos anos e possibilita novas experiências não apenas aos estudantes, mas a todo contexto escolar e membros da sociedade onde a escola está inserida.

2.4 Fazer Arte e o Ensino de Arte na Escola

O tempo que temos em sala muitas vezes não é o suficiente para finalizar um exercício no dia em que este é iniciado, dificilmente para finalizar o “conteúdo” do ano, porém, acrescento a necessidade de além do estudo que o currículo apresenta como o necessário a ser implementado, a importância da criação, apresentação, diálogo do processo e resultado. Acredito que muitos ainda se questionam a necessidade do estudo da Arte na escola e qual a diferença em sua vida, além das avaliações que devem ser realizadas. Apresentar aos estudantes a ideia de que a Arte, para aqueles que convivem em sociedade, pode significar uma experiência com a expressividade e um momento de criação, que juntamente da ludicidade e aprendizagem interage com diversos momentos históricos e do presente, com diversas culturas e pessoas, o que pode ocasionar o cruzamento de saberes, que acredito não estar no diálogo dentro da escola, o que dificulta, acredito eu, o entendimento do estudante acerca do porquê Arte deveria ser algo trabalhado, não apenas o estudo dos registros do passado, mas a sua criação dentro do ambiente

escolar, o que pode variar de infinitas formas sobre quais são as referências ou novas ideias que querem criar.

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. (FREIRE, 2015, p. 42)

O caminho que a arte nos submete para a compreensão do mundo, de suas particularidades, cores, sabores, pessoas e lugares, varia diretamente em cada estímulo que a pessoa recebeu ou viveu até certo momento. Estamos numa sociedade homogênea, passamos diariamente por situações diferentes e, variavelmente, convivemos com pessoas que fazem parte do nosso meio social. A arte não está para nos dar as respostas, muito menos caminhos, está para além de nos ajudar a entender o próximo, é para entendermos a nós. Se, com tanta possibilidade de criação, limitássemos os estudantes a trabalhos com temas específicos, ideias específicas, cores e maneiras específicas de apresentar, estaríamos entregando a eles apenas o conceito reprodutivo de arte. Barbosa afirma que

Durante muitos anos, no Brasil, o professor se satisfazia apenas com a enunciação dos objetivos e não com a sua operacionalização através de métodos apropriados. Esta desvinculação entre objetivos e métodos torna a atividade artística meramente mecânica, introjetando na criança um conceito da arte como nonsense⁴. (BARBOSA, 1985, p. 52)

É necessário que além de estudada, a Arte tenha sua contribuição notada e, quem a aborda, deixe de lado o modo operacional de fazê-lo. Entendo que dentro do momento de avaliação, um parâmetro deve ser utilizado para que saibamos quem está realizando o exigido, mas qual seria a dificuldade, além de criativa, de uma nova maneira de entender o pensamento dos estudantes? Novas formas de expressar que podemos não conhecer, novas preocupações e prioridades que muitas vezes, por falta de aproximação, não sabemos a partir dos estudantes.

Essas formas de expressar estão presentes em quase todo momento de nossa trajetória em sociedade, o diálogo é uma das formas que considero, além de mais prática, uma das mais poéticas por ter a possibilidade de, quando verdadeiras, transformar aqueles que estão em contato, e essa é uma das ideias que busco abraçar e aproveitar dentro de sala.

As escolas e as universidades possuem uma preocupação em como compreender comunicar-se com a realidade dos estudantes, porém, é um trabalho que caminha dia a dia para alcançar um espaço de confiança que, além do que é proposto pelo currículo, realmente seja cumprido e eficaz para cada realidade. A universidade tem total importância nesse processo,

⁴ Desprovido de significação ou coerência.

por estar ligada com a formação dos educadores que ingressarão, em primeiro momento, nas escolas no papel de estagiários que levarão uma visão mais jovem e mais aberta de como realizar cada atividade ao professor que está há mais tempo dentro da escola; concluindo a importância do diálogo em todas as etapas.

2.5 Para uma visão mais ampla do percurso: Experiências desenvolvidas

Gostaria de introduzir primeiramente a esta parte específica do trabalho, que exemplifica melhor o processo já realizado dentro da escola, uma afirmação de Larrosa:

Uma educação poética vive no jogo, no conflito das interpretações, na contradição, porque nunca se está de todo em uma interpretação; sempre se vive no conflito. A educação poética vive em um mundo interpretado. (LARROSA, 2001, p. 280)

Em 2019, mudei da escola que estava fazendo parte da Residência Pedagógica para uma mais próxima à UnB. No meu primeiro dia no CEAN (Centro Educacional Asa Norte), realizei, em parceria da Mar, algumas atividades para entrar em diálogo com os estudantes, a fim de ver o pensamento deles sobre um tema específico: o racismo. Em um primeiro momento, me admirei ao entender que a maior parte dos estudantes não eram da região, perguntamos de onde eles vieram e as respostas eram totalmente variáveis, não havia um local dominante, conclui, assim, que o CEAN, como milhares de outras escolas, possui características diversas e de lugares distintos, pelo convívio social. Vivencio, frequentemente, quando vou para a Residência conversas em relação a temáticas que julgo importantíssimas para fomentar uma boa discussão e progressão da sociedade.

O PAS (Programa de Avaliação Seriada) pelo qual tenho grande admiração, por ser uma ótima forma de ingressar na UnB, facilita o acesso a jovens de escolas públicas, por ser um exame aplicado nos três anos do Ensino Médio, ele possui uma ótima escolha dos conteúdos, livros, músicas e textos a serem estudados pelos estudantes, os quais, além de terem toda sua estrutura e importância histórica, também apresentam diversos temas importantes a serem discutidos pela sociedade, por ainda serem muito recorrentes e visíveis, como a desigualdade social, preconceitos em geral e misoginia.

A apresentação de uma das obras do PAS “Oração dos Desesperados” do Sergio Vaz, teve o intuito de apresentar a eles um lado da realidade das diferenças de privilégios, exemplificar atitudes da sociedade e decisões que podem ser realizadas dentro e fora da escola para combater casos de preconceitos em geral e abusos de poder. Para isso, com a intenção de conhecer ainda mais a turma, decidimos fazer uma chuva de palavras com as seguintes

temáticas: racismo; passado; gente; o que sou me define? e escravidão. Depois de dezenas de palavras, começamos a ligá-las e os estudantes já começaram a entender a ideia proposta por nós, no fim, eles ligaram principalmente a história e escravidão, processo sócio histórico muito recente que ainda está presente em suas singularidades na nossa sociedade, o qual é visto quando nos deparamos com pessoas que ainda se julgam superiores aos outros e aqueles que cresceram acostumados a serem diminuídos e se reprimem, por não se sentirem pertencentes ou iguais dentro de uma sociedade que tem suas bases estruturais fincadas em uma lógica de dominação racista.

Preparamos também o recorte do filme “Ó Pai, Ó” de Monique Gardenberg, houve a apresentação de uma cena com a atuação de Lázaro Ramos e Wagner Moura no momento onde está mais escrachado o que o negro vive em sociedade. Com um tom sério de fazer humor, Lázaro se emociona, e ao ser apresentado em sala, diversos alunos que ainda não tinham visto, ficaram estáticos por tamanha comoção que o ator conseguiu colocar em cena.

Por fim, retomamos com o texto, pedimos para que algum estudante negro fizesse a leitura, esse momento arrepiava, a energia da sala estava toda ligada ao acontecimento e a emoção foi até uma quase ruptura com a roda de conversa. Uma estudante começou a falar suas problemáticas com o acesso à universidade, a partir de cotas, e iniciou uma discussão e apresentação de ideias dos dois lados do que achavam. Tornou-se um daqueles momentos chave em que, com o tempo, percebemos que servem para colocarmos novamente os pés no chão, entender que nem sempre tudo está explicado, que as coisas não são como esperamos.

E então partimos ao diálogo, o silêncio que gritava de alguns estudantes era perceptível. É importante entender que não precisamos falar para participar, a atenção que reverbera entrega uma parte do que o estudante pensa sobre determinada proposta. Porém, escutar de uma estudante negra um pensamento contra as cotas, me faz pensar o modo de dialogar com realidades diferentes dentro da escola, apresentar ao estudante e ao educador uma nova forma de encarar tal temática, que possui vários lados e diversas dimensões, que, ao se fazer uma pergunta, quando se trata de gente, não temos uma resposta específica, não possuímos uma fórmula, não somos uma ciência exata, assim como a resposta, somos variáveis, cada mundo de cada ser tem sua peculiaridade e choca com o mundo de outra pessoa, podendo transformá-las subsequentemente. Freire pontua a importância de entender que o “conhecimento bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu descaramento.” (FREIRE, 2015, p. 96)

Ao abordar os textos do PAS no CEAN, procurávamos enfatizar o que o texto expressava sobre relações humanas, problematizações, pensamentos e adaptações recentes como apresentações, leituras e improvisações. Em alguns instantes, os estudantes nos procuravam para saber mais sobre a obra ou pontuar alguma temática específica pelas demandas e ocorrências recorrentes do dia a dia. Certo dia, uma turma do segundo ano, com a presença de um novo estudante - o qual se posicionou com a noção de no Brasil sermos todos iguais, não existir preconceito e, com o intuito de fazer compreender a partir de seu raciocínio: cotas, racismo, homofobia e desigualdade são apenas inseguranças e formas de se vitimizar em uma primeira dificuldade – os discentes decidiram discutir em sala sobre a música “Cota não é esmola” de Bia Ferreira. Obra que não utiliza de forma subjetiva para aborda as questões que deseja, rebate de frente os argumentos e se posiciona sobre assunto que gerava muito mais discussão que hoje sobre um benefício que contempla grande parte da população marginalizada. Na introdução da música, a compositora assume o lugar de fala e a postura que deseja que entendam sua expressão:

Existe muita coisa que não te disseram na escola

Cota não é esmola!

Experimenta nascer preto na favela pra você ver!

O que rola com preto e pobre não aparece na TV

Opressão, humilhação, preconceito

FERREIRA, 2018

O trabalho que exerceram em conjunto, de forma indireta e sem deteriorar a imagem do estudante, manifestou o quanto estão amadurecidos sobre certos assuntos, possuem argumentos para dialogar e não houve necessidade de conduta incisiva ou discussão agressiva com o estudante. Oprimi-lo apenas os colocaria na posição que desejavam confrontar.

Acredito que todos no mundo são diferentes, a igualdade não seria um privilégio do Brasil. Mas, sendo um dos países com mais misturas, tendo um território tão vasto e rico culturalmente, reconheçamos que especificar um tipo de característica comum para um povo é complicado, para nós mais ainda. E dentro da escola como isso reflete no que devemos conversar em sala? Precisamos diretamente trabalhar com Teatro Grego de forma apenas a entrar com suas características, de modo que entendam que foram eles que inventaram o Teatro? A possibilidade de utilizar outras expressões artísticas e acontecimentos não eurocêtricos

ainda está em construção no Brasil, não na parte exigida, mas na prática. O processo educacional coloca, desde o começo, temáticas e histórias da arte que se aproximam mais com as obras eurocêntricas do que outros assuntos que podem também apresentar as características da obra ou reflexão sobre conhecimentos apresentados no currículo. Como, por exemplo, o estudo do período Renascentista.

O estudo, principalmente de artes visuais em diversos momentos, focaliza a atenção a esses processos por serem os mais prováveis de aparecerem em provas para ingresso na universidade, por isso a preocupação tanto na escola particular quanto na pública sobre apresentar aos estudantes, o que diminui o tempo para praticarem atividades com outras temáticas, que ainda são possíveis, mas dificilmente um educador irá utilizar matrizes africanas para explicar e demonstrar o que já realizou com Teatro Grego por exemplo.

Diante das diversas obras do PAS que foram abordadas em 2019 para o primeiro ano, me preocupa a dificuldade de acesso, por serem em sua maioria antigas, possuem temáticas atuais, mas com um empecilho: a interpretação de texto. Não duvido da capacidade dos professores para estudarem as obras e muito menos dos educandos, mas textos como “O velho da horta” de Gil Vicente, possuem uma leitura densa, assim como “Ifigênia em Áulis” de Eurípedes, esses textos muitas vezes são encontrados já com comentários para seu entendimento. A necessidade de abordar temáticas como misoginia ou abuso na atualidade é perceptível, mas pela escolha dos textos, o trabalho do professor para alcançar os estudantes deve partir de antes e, no processo, introduzir a necessidade de realizar em parceria com os educandos. Interpretar, em sua essência, e conseguir ter o incentivo de assemelhar as obras com particularidades da sociedade atual, acredito que seja um caminho que influencie mais o estudante a procurar as obras, já que estão a serem apresentadas como método avaliativo para exames. Por que não as transformar também em uma leitura que tenha um significado que dialogue de alguma forma com a realidade deles? O que antecipa ao estudante – antecedendo o momento do estudo - uma resposta que pode compreender, ser acessível e útil.

Reunindo-me todas as semanas com os estudantes, comecei a estabelecer mais proximidade entre eles, conheço grande parte das turmas e semanalmente compartilho ótimos momentos com os demais. Porém, em algumas situações acontecem episódios que não estou familiarizado, mas descobrindo como conciliar com o ofício. Não estou tomando os problemas para mim, não desejo atuar como psicólogo, pois não possuo competências para tal feito, mas ainda ocorrem casos de quererem compartilhar problemas ou interagirem para ver como encaro a situação.

Perto de acabar uma reunião da residência, uma estudante do CEAN pediu para conversar comigo e tirar algumas conclusões que eu tenho de suas vivências, a estudante disse já ter passado por diversos lugares, escolas e nunca ter se encaixado em nenhum lugar - nesse momento percebi o quanto a particularidade da mudança dialogava diretamente com a minha - e por isso não tinha tantos amigos e estava magoada. O caso dela era mais específico, a dificuldade ia além, por conta de sua preocupação acerca do modo como a enxergavam.

Alguns dias depois, fui ao Espaço Cultural Renato Russo para iluminar um espetáculo que fazia parte e ela estava na plateia, no fim, parou-me dramaticamente, agradeceu e completou ao afirmar não ser apenas pelo espetáculo, mas pela visão, por incentivar dentro dela uma nova tentativa de se aproximar das pessoas, pela mensagem que dentro do espetáculo carregava um complemento do que quis dizer no diálogo alguns dias antes, o sorriso dela brilhava, mais que toda a peça e ainda mais do que qualquer coisa que presenciei naquele dia.

Considerações finais

... com cada nova consciência começavam as mesmas
Possibilidades de sempre, e os olhos das crianças em meio
Ao gentio – olha para eles! – transmitiam o espírito eterno.
Pobres de ti, se não percebes esse olhar!
Peter Handke

Termino este trabalho compreendendo que as características individuais de cada estudante impactam dentro da escola e na sociedade, quer deseje reverberar ou não. Cada parcela mínima que consegue expressar me encanta e faz com que não perca a esperança neste ofício que tanto admiro e reconheço a importância.

Mesmo antes de começar diretamente a pesquisa, já me surgia em diversos momentos questionamentos referentes as temáticas: Como ensinar Arte? Ela dialoga com a vivência dos estudantes? O que está dentro do possível é o necessário? Penso, após esta pesquisa, que a arte se cria e transforma constantemente, não conseguiria resumir a apenas um contexto, cor ou textura. Poderemos vivenciar arte com os estudantes, ao criar, renovar e transformar diariamente novas visões sobre o mundo, as pessoas e as coisas.

Agora, estou convicto de como transformamos juntos, como acreditar, sonhar em si e nos outros afeta o estado do ser que somos. Na potência da palavra e da ação, no como o diálogo coloca o jovem em um processo de emancipação, conscientização de si e de sua cultura, de suas preferências. Possibilita, assim, problematizar com responsabilidade e propriedade assuntos recorrentes de seu cotidiano que entendem mais do que aqueles que pré-estabelecem o que deve ser feito sem consultar aos estudantes, os quais realmente vivenciam as decisões que escolhem por eles.

Acredito também que o processo de escolha do conteúdo pode partir de uma harmonia entre professor e estudante, quando os dois compreendem o propósito do currículo que, por exemplo, busca dentro de suas competências específicas:

Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2017, p. 490)

Por fim, concluo a potência do ser, do corpo em ação, do estudante que tem ciência de seus atos e carrega consigo a vontade de fazer o melhor para os outros. Estamos em processo de constante transformação. A necessidade de compreender a proposta de estarmos em processo de aprendizado, em compartilhamento com o próximo e possibilitando o protagonismo coletivo e amoroso da convivência social e estética, é primordial para que, em conjunto, consigamos mudar primeiramente as pessoas, como diz Freire, a fim de que essas transformem o mundo.

Referências Bibliográficas

- BARBIER, René. **Pesquisa-Ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1977.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação: Conflitos/Acertos**. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1985.
- BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey E o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez editora, 2001.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea Consonâncias Internacionais**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.
- BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogo para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- BRANDÃO, Carlos. **AVÓS E NETOS NO MEIO DA NOITE**, s.d.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. Estados Unidos: Editora Kappa Delti Pi, 1938.
- FERREIRA, Berta Weil. **Cota não é esmola** [Gravado por B. FERREIRA]. Brasil, 2018.
- FERREIRA, Berta Weil. **Psicologia pedagógica, 4 ed., por Berta Weil Ferreira e outras**. Porto Alegre: Sulina, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade 27 ed.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia 43 ed.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido 68 ed.** Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- LARROSA, Jorge. **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença/ organizado por Jorge Larrosa e Carlos Skliar**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.
- MAURO, Jose Barbosa Ribeiro. **Assim no Teatro Como na Vida: experiência estética, leitura de mundo e consciência cidadã**. Tese (Doutorado em Arte). Escola de Teatro e Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, 2011.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.
- VAZ, Sérgio. **Oração dos Desesperados**. 2016.

